



UFRJ



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS**

EDUARDO SANTOS DA SILVA

**PULVERIZAÇÃO E ALTERIDADE NA DRAMATURGIA DE ALEXANDRA BADEA**

RIO DE JANEIRO  
2024

Eduardo Santos da Silva

PULVERIZAÇÃO E ALTERIDADE NA DRAMATURGIA DE ALEXANDRA BADEA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Francês.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Jacques de Moraes

RIO DE JANEIRO  
2024

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos aqueles que estiveram ao meu lado e me apoiaram durante toda essa trajetória.

Primeiramente, aos meus pais, Crenilda e Edvaldo, por todo amor, apoio e pelos valores que me proporcionaram ao longo da vida. Pois, apesar das dificuldades, sempre fizeram questão de incentivar os meus estudos até a conclusão da faculdade. E ao meu irmão Fábio, que sempre me ajudou e me apoiou em tudo. Eu amo muito vocês!

Aos professores e funcionários da Faculdade de Letras - UFRJ, por todo o conhecimento transmitido, pelo apoio e paciência durante os anos de estudo. Todos os professores e professoras que passaram pela minha vida foram muito importantes e sou extremamente grato por tudo! Especialmente ao professor Marcelo Jacques por ter aceitado me orientar neste trabalho.

Principalmente, ao professor Rodrigo Ielpo, por todo carinho, atenção e paciência que teve comigo durante as aulas de literatura francesa III, o desenvolvimento da pesquisa, o clube de leitura e pela colaboração e orientação do meu trabalho final. Serei sempre grato por todo o conhecimento e confiança que me concedeu. Você é incrível e um exemplo de excelência como professor, sou seu fã! Novamente, agradeço por tudo!

Aos meus amigos e colegas de curso, que conheci durante todos esses anos e que compartilhamos vários momentos juntos nas aulas, nas festas, nos passeios e nos estágios. Em especial, agradeço a minha amiga Jennifer (Jennys), por desde o início estar ao meu lado e por todos os momentos que vivemos juntos, você foi um presente fabuloso na minha vida! Te amo amiga! Agradeço muito a Rafa pelo apoio e incentivo a trilhar o caminho do magistério. E também, agradeço ao Jonas por todo o carinho e acolhimento. Nunca vou esquecer que você foi a primeira pessoa que me recebeu na faculdade. Você é incrível!

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho e da minha formação. A cada um de vocês, meu sincero muito obrigado.

"L'île, c'est un espace clos et infini à la fois, où les rêves peuvent se mêler à la réalité et où les souvenirs et les légendes se confondent." — Évelyne Trouillot, *Le Bleu de l'île*.

Resumo:

“Esqueceste-te que vamos todos desaparecer em partículas, porque é sobre isso que se trata: aprender a esquecer, seremos pulverizados”. Assim a autora romena Alexandra Badea finaliza a sua peça *Pulvérisés*, escrita em francês no ano de 2012, encenando, ao longo da sua obra, o drama de quatro personagens que oscilam seus discursos entre a individualidade e a coletividade, e experienciam uma multiplicidade de sensações que os tornam silhuetas familiares do mundo contemporâneo. Badea procura, através de cenas curtas, aproximar o espectador dos homens e mulheres dramatizados na obra, imersos na [des]organização mundial capitalista. Refletindo sobre estes pontos abordados pela autora, o trabalho tem como objetivo estudar os fatores que levariam à pulverização do indivíduo na sociedade contemporânea a partir de diálogos com pensadores como Byung-Chul Han, Alain Ehrenberg e Zygmunt Bauman. Essa constelação teórica permitirá a reflexão de como a peça constrói sua crítica sobre a paradoxal relação entre a hiperconectividade e o isolamento no mundo globalizado, e suas implicações para a questão da alteridade marcada pelo apagamento do outro em um contexto de imigração no século XXI.

Palavras-chave: Alteridade; Capitalismo; Hiperconectividade; Imigração; Badea.

Abstract:

"You forgot that we're all going to disappear into particles, because that's what it's about: learning to forget, we'll be powdered". This is the way that the Romanian author Alexandra Badea finishes her play *Pulvérisés*, written in French in 2012, staging, throughout her work, the drama of four characters that oscillate their discourses between individuality and collectivity, and experience a multitude of sensations that make them familiar silhouettes of the contemporary world. Badea seeks, through short scenes, to bring the viewer closer to the dramatized men and women, immersed in the disorganization of the capitalist world. Reflecting on the points addressed by the author, the work aims to study the factors that would lead to the powdering of the individual in contemporary society through dialogues with the philosophers Byung-Chul Han, Alain Ehrenberg and Zygmunt Bauman. This theoretical constellation will allow the reflection of how the play builds its critique on the paradoxical relationship between hyperconnectivity and isolation in the globalized world, and its implications for the question of otherness marked by the erasure of the other in a context of immigration in the 21st century.

Keywords: Otherness; Capitalism; Hyperconnectivity; Immigration; Badea.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo 1- O paradoxo entre a hiperconectividade e o isolamento no mundo globalizado.....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 2 - A alteridade marcada pelo apagamento do outro em um contexto de imigração no século XXI .....</b>	<b>19</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>28</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>30</b>

## Introdução

A escrita dramática contemporânea, marcada pela vanguarda dos anos 1950 com Beckett, Ionesco e Adamov, e pelo entusiasmo dos anos 1960, pareceu entrar num período de estagnação. Ainda mais, após a morte dos autores como Bernard-Marie Koltès, Didier-Georges Gabily e Jean-Luc Lagarce. No entanto, segundo o autor Evrard (2008, p. 489-490), desde os anos 1980, o teatro revelou-se plural e aberto, diversificando suas dramaturgias e superando antigas dicotomias entre “teatro metafísico do absurdo e teatro social e épico brechtiano”. Foi devido a noção de “escritor-rapsodo”<sup>1</sup> de Jean-Pierre Sarrazac, em “O Futuro do Drama” (1981), que hoje a escrita teatral celebra a liberdade criativa e a inventividade da escrita teatral contemporânea, que busca conectar o indivíduo à experiência coletiva e explorar novas formas de linguagem e representação, mantendo a literatura como um horizonte fundamental.

Desde então, o texto dramático tem sensibilizado autores como Philippe Minyana, Daniel Lemahieu, Michel Vinaver, Jean-Paul Wenzel, Michel Deutsch a abordarem temas que representem a realidade e seus problemas como as guerras, a marginalização e exclusão, as diferenças étnicas, etc. Essa busca por autenticidade, de acordo com Evrard (2008, p. 490), é acompanhada pela “desconstrução da narração e do diálogo”, e por estabelecer novas interações entre “o texto e o ator”. Pode-se dizer que é nesse movimento que se insere o trabalho de Alexandra Badea, autora romena que escreve sua obra dramática na língua francesa. Em sua peça *Pulvérisés*, percebe-se em grande parte do texto a presença de um narrador em *off* que comanda uma terceira pessoa, incarnada por diferentes personagens. Esse dispositivo ajuda a construir uma não linearidade evidenciando a fragmentação dos indivíduos, e também, nota-se uma preocupação da autora na construção narrativa da peça ao abordar temáticas que representam a realidade da sociedade contemporânea.

Este trabalho tem por objetivo analisar o modo como a obra *Pulvérisés*, de Badea, dramatiza os indivíduos contemporâneos em meio ao processo de pulverização decorrente da globalização. Para tanto, será preciso refletir acerca da construção das personagens a partir do modo como a autora encena os impactos provocados pela estrutura capitalista por meio da performatividade laboral e a negação da alteridade.

---

<sup>1</sup> De acordo com Sarrazac (1998), o escritor-rapsodo incorpora a presença direta do autor, manifestando sua opinião pessoal dentro do texto dramático.

A peça mergulha na intimidade de quatro personagens, explorando suas experiências tanto no ambiente de trabalho quanto em suas intimidades. Badea constrói um poema dramático em que notamos o uso recorrente, por meio da enunciação de uma voz em *off* aludida anteriormente, do pronome pessoal da segunda pessoa do singular (tu / você), intensificando a confidencialidade dos personagens ao decorrer do estudo. Em alguns momentos, a peça apresenta uma alternância entre esse recurso da voz em *off* e pequenos diálogos entre personagens, como por exemplo nas cenas de Dakar e Xangai, destacando a tensão entre a individualidade e a multiplicidade de vozes. Através dessa estrutura, o espectador é conduzido por uma jornada que vai da solidão individual às interações com o coletivo, enquanto as vozes interiores e os momentos cotidianos revelam as silhuetas distintas e familiares de cada personagem.

Alexandra Badea nasceu em Bucareste (Romênia), em 1980. Após a formação na Escola Nacional de Arte Dramática e Cinematográfica de Bucareste, dedicou-se à escrita, e vive e trabalha em Paris desde 2003. Ela é dramaturga, diretora de teatro e de cinema e foi ganhadora, em 2013, do prêmio Grand Prix, na França, na categoria literatura dramática por sua peça *Pulvérisés*, escrita em francês, um ano antes.

Nessa peça, Badea procura, como mencionado mais acima, encenar a condição humana em meio à organização mundial capitalista. Por meio do drama de diferentes personagens, a autora promove uma reflexão crítica acerca desse sistema globalizado. Além disso, procura estabelecer uma aproximação e identificação do leitor / espectador com as histórias das personagens, histórias essas que permitirão performar um confronto de cultura e linguagem do eu e do outro.

Uma das principais motivações para a realização deste trabalho reside na sua temática, que aborda o teatro dramático como veículo para estimular uma reflexão crítica sobre a posição e o papel do ser humano na sociedade contemporânea. Através da representação de conflitos e dilemas vividos por seus personagens, a peça não apenas entretém narrativas complexas, mas também incita o público a questionar e refletir sobre questões profundas que permeiam a experiência humana no contexto atual. Esta abordagem não só busca iluminar as tensões e contradições presentes na dinâmica social e econômica globalizada, mas também convida o leitor / espectador a engajar-se ativamente na análise das implicações pessoais e coletivas desses

temas presentes em grande parte do mundo atual. Dito isto, é preciso dizer que o modo como Badea constrói as cenas desta obra está diretamente ligado ao tratamento do tema, como se pode supor pelo recurso da voz em *off*, mencionado há pouco.

A estrutura deste trabalho é delineada em duas partes principais. O primeiro capítulo aborda o paradoxo entre a hiperconectividade e o isolamento no contexto de globalização, estabelecendo-se um diálogo entre o texto de Badea e as contribuições filosóficas de Byung-Chul Han e Alain Ehrenberg. Esta seção se concentra no impacto do sistema global sobre a vida das personagens, resultando na fragmentação de suas identidades e na desintegração de suas vidas emocionais. Utilizando as teorias de Han sobre a sociedade do cansaço e de Ehrenberg sobre o culto da performance, a análise explora como a constante conectividade parece levar em *Pulvérisés*, a um isolamento profundo e à fragmentação do eu.

O segundo capítulo aborda a questão da alteridade, especialmente o apagamento do outro em um contexto de imigração no século XXI. Nesta parte, discute-se a problemática das relações entre o eu e o outro no mundo globalizado, por meio de um diálogo teórico novamente com Han e com o sociólogo Zygmunt Bauman. As reflexões críticas sobre a alteridade são centradas na forma como a globalização e a mobilidade migratória afetam a percepção e o tratamento do outro, revelando uma tendência ao apagamento das diferenças e ao desenraizamento.

Finalmente, nas considerações finais, o trabalho recapitula todo o percurso analítico realizado, sintetizando as discussões sobre a fragmentação identitária e a desintegração emocional das personagens, bem como a problemática do apagamento da alteridade tal como dramatizado por *Pulvérisés*. A análise conclusiva oferece uma reflexão crítica sobre a peça e os tópicos abordados, incentivando a continuidade e o consequente aprofundamento do debate sobre as implicações dessas dinâmicas na vida contemporânea.

## Capítulo 1- O paradoxo entre a hiperconectividade e o isolamento no mundo globalizado

Em *Pulvérisés*, o leitor/espectador se depara com a representação das personagens inseridas em um sistema global de produção que as conduz a um processo de pulverização. Na peça, isso resulta na fragmentação de suas identidades, tornando-as simultaneamente vítimas e protagonistas de suas próprias existências. Assiste-se, assim, às personagens que experimentam uma pressão contínua por desempenho, o que provoca uma espécie de desintegração de suas vidas emocionais. A partir dessas observações é que podemos pensar o modo como a peça dramatiza em termos teóricos e formais a questão da performatividade para retratar os impactos da globalização na vida do sujeito contemporâneo. Segundo Alexandra Badea, em uma entrevista concedida em 2014, ela expressa desejar,

Saisir l’endroit où ce système rend impossible la vie des gens, et quels sont ses rouages. Ce qui m’intéresse au théâtre, c’est d’entrer dans le monologue intérieur du personnage. Le dialogue est pour moi prétexte à déclencher la parole intime, qui ne se fait pas entendre, la partie cachée des individus. Porter une parole qui n’est pas souvent entendue dans l’espace public pour provoquer une réflexion. Ces personnages sont à la fois complices et victimes, comme nous tous. C’est seulement en sortant d’un système de pensée binaire qu’on pourra changer quelque chose dans le monde actuel. On est tous responsables de la dégradation et la violence des relations humaines. (BADEA, 2014)<sup>2</sup>

De acordo com o depoimento acima, Badea imprime em seu teatro os seus interesses de observação nos movimentos “escondidos” dos indivíduos e leva-nos a refletir acerca disso por meio da dramatização da “palavra íntima” das personagens. Para tanto, ela utiliza recursos que provocam o desconforto e a sensibilidade no leitor/espectador ao apresentar os efeitos advindos da “degradação” e da “violência das relações humanas”. Observemos o seguinte trecho:

Tu entres dans la salle de punching-ball  
 Tu le vois frapper dans le mannequin gonflé en plastique  
 Il frappe et hurle  
 Tu touches son épaule  
 Il se tourne

---

<sup>2</sup> “Compreender onde este sistema torna a vida das pessoas impossível e quais são seus mecanismos. O que me interessa no teatro é entrar no monólogo interior da personagem. O diálogo é para mim um pretexto para acionar a fala íntima, que não se ouve, a parte oculta dos indivíduos. Dar testemunho de uma palavra que não é ouvida com frequência no espaço público para provocar reflexão. Esses personagens são cúmplices e vítimas, como todos nós. Somente abandonando um sistema binário de pensamento é que poderemos mudar alguma coisa no mundo de hoje. Todos somos responsáveis pela degradação e violência das relações humanas”.

Tu ne reconnais pas son Regard [...]
   
 Tu voudrais tellement le serrer dans tes bras mais la peur te paralyse
   
 Tu ne l'as jamais vu s'écarter aussi loin de ta projection mentale
   
 rien de plus terrifiant dans les relations humaines
   
 Donc
   
 Tu aurais besoin de le serrer dans tes bras
   
 Et il aurait besoin de te serrer dans tes bras
   
 Mais malgré ça
   
 Tu sors de la salle et tu marches dans la nuit
   
 Tu prends un bonbon anti-stress et tu mâches
   
 Tu mâches ta douleur
   
 Tu mâches ta colère
   
 Tu mâches ta faiblesse et tes doutes
   
 Et après un temps tu redémarres. (BADEA, 2012, p.71-72)<sup>3</sup>

Para a análise desse cenário proponho uma construção de diálogos entre a Badea e o filósofo Byung-Chul Han, que, em *A sociedade do cansaço*, afirma que a estrutura capitalista, denominada por ele como “sociedade do desempenho” produz “depressivos e fracassados. [...]” (HAN, 2015, p.24-25). Esse processo de desintegração do sujeito contemporâneo estaria ligado à performatividade que transforma os indivíduos em vítimas e atores dessa [des]organização mundial: “O sujeito de desempenho se realiza em direção da morte. Realizar-se e autodestruir-se, aqui coincidem.”. (HAN, 2015, p.52).

Partindo dessa reflexão e do modo como ela é encenada pela autora na peça *Pulvérisés*, evidencia-se um retrato global do sujeito contemporâneo, um indivíduo empreendedor de si mesmo, empenhado em potencializar seu desempenho, transformando a sua vida emocional e suas relações pessoais numa imensa agenda, conforme Badea apresenta em diversas passagens da peça:

Paris départ dimanche à 16.20 pour une arrivée à Dakar à 19.55.

---

3 Você entra na sala do saco de pancadas / Você o vê socando o boneco de plástico inflado / Ele soca e grita / Você toca o ombro dele / Ele se vira / Você não reconhece o olhar dele [...] / Você quer tanto abraçá-lo mas o medo te paralisa / Você nunca o viu se afastar tanto de sua projeção mental / nada mais assustador nas relações humanas / Então / Você precisaria abraçá-lo / E ele precisaria te abraçar / Mas apesar disso / Você sai do quarto e caminha pela noite / Você pega um comprimido antiestresse e mastiga / Você mastiga sua dor / Você mastiga sua raiva / Você mastiga sua fraqueza e suas dúvidas / E depois de um tempo você recomeça.

Lundi 7.00-16.00. Suivi des non-conformités et départ à 17.45 pour une escale à Dubaï à 7.20 et une arrivée à Shanghai mardi à 23.25.

Mercredi 9.00-19.00 Analyse des risques et départ à 22.45 pour une escale à Istanbul à 5.45 et une arrivée à Bucarest jeudi à 9.45 pour une étude technique de 11.00 à 18.00 et un départ à 20.05 pour une arrivée à Paris à 22.15. (BADEA, 2012, p.12-13)<sup>4</sup>

O que vemos é, em diálogo com as reflexões de Han, a construção do sujeito multitarefa numa exigência de que estejamos hiperconectados incessantemente para satisfazer a utopia performativa do sujeito capitalista. De acordo com o filósofo,

No regime neoliberal a exploração tem lugar não mais como alienação, autodesrealização, mas como liberdade e autorrealização. Aqui não entra o outro como explorador, que me obriga a trabalhar e me explora. Ao contrário, eu próprio exploro a mim mesmo de boa vontade na fé de que possa me realizar. (HAN, 2017, p.116)

Essa demanda contínua por produtividade, eficiência e consumo é que impulsiona a cultura do individualismo e da competitividade, onde a realização de múltiplas tarefas é considerada um indicador de sucesso e relevância social. Em *Pulvérisés*, Badea (2012) explora narrativas em que os sujeitos vivenciam esse contínuo processo de desempenho, onde a busca pela produtividade e otimização do tempo no trabalho é uma constante, conforme o exemplo abaixo:

Après les dix minutes de gymnastique obligatoire  
 La bande se met en route  
 Tu mets ton masque  
 Et tu commences à répéter le même geste toutes les 8 secondes  
 1, 2 tu plonges le pinceau dans la substance  
 3, 4 tu le laisses s'imprégner  
 5, 6 une première couche sur la partie supérieure du circuit imprimé  
 7, 8 une première couche sur la partie inférieure du circuit imprimé  
 9, 10 tu plonges le pinceau dans la substance  
 11, 12 tu le laisses s'imprégner

---

<sup>4</sup> Partida de Paris domingo às 16h20 para chegada em Dakar às 19h55. Segunda-feira das 7h00 às 16h00. Acompanhamento de não conformidades e saída às 17h45 para escala em Dubai às 7h20 e chegada em Xangai na terça-feira às 23h25. Quarta-feira 9h00-19h00, análise de risco e partida às 22h45 para escala em Istambul às 5h45 e chegada a Bucareste quinta-feira às 9h45 para estudo técnico das 11h00 às 18h00 e partida às 20h05 para chegada a Paris às 22h15.

13, 14 une deuxième couche sur la partie supérieure du circuit imprimé  
 15, 16 une deuxième couche sur la partie inférieure du circuit imprimé  
 17, 18 la bande se remet en route et un nouveau circuit t'attend. (BADEA, 2012, p.27-28)<sup>5</sup>

Essa abordagem permite estabelecer uma conexão com as reflexões do sociólogo francês Alain Ehrenberg (2010), que discute em sua obra *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa* a incessante busca pela alta performance e as consequências do capitalismo ao longo do tempo. Ehrenberg (2010) analisa o desgaste que o trabalhador sofre em virtude do tempo, assim como a degradação de seus vínculos sociais e políticos.

[...] o indivíduo comum não deve mais se acomodar com esses devaneios: exige-se dele que aceda verdadeiramente à individualidade por meio de uma passagem à ação. A democratização do aparecer não está mais limitada ao confortável consumo da vida privada: ela invadiu a vida pública sob o viés de uma performance que impulsiona cada um a se singularizar, tornando-se si mesmo. O ponto de vista do ator domina, de agora em diante, a mitologia da autorrealização: cada um deve aprender a se governar por si mesmo e a encontrar as orientações para sua existência em si mesmo. (EHRENBERG, 2010, p.11).

Segundo o sociólogo, o sujeito torna-se empreendedor de si mesmo e entra em ação motivado pelo sentimento de conquista e competitividade em busca de autorrealização em uma sociedade que ressalta, demasiadamente, o desempenho e a condição social e financeira do indivíduo. Assim, ao estabelecer um diálogo com as reflexões de Ehrenberg (2010), percebe-se na peça de Badea a descrição dessa realidade no modo como cada personagem é apresentado, conforme o seguinte trecho:

Et la journée commence  
 Tu ouvres une session powerpoint  
 Tu ouvres une session excel  
 Tu ouvres une session dreamweaver

---

<sup>5</sup> Após os dez minutos de ginástica obrigatória / A esteira começa se movimentar/ Você coloca sua máscara / E você começa a repetir o mesmo gesto a cada 8 segundos / 1, 2 você mergulha o pincel na substância / 3, 4 você deixa de molho / 5, 6 uma primeira camada na parte superior da placa de circuito / 7, 8 a primeira camada na parte inferior do circuito impresso / 9, 10 você mergulha o pincel na substância / 11, 12 você deixa de molho / 13, 14 uma segunda camada na parte superior do circuito impresso / 15, 16 uma segunda camada na parte inferior do circuito impresso / 17, 18 a esteira recomeça a se movimentar e um novo circuito espera por você.

team system, quark express, visio, outlook, access, silverlight, illustrator, flash, lotus, rational rose, adobe, launchpad, eclipse, messenger, dragon dictate, merlin, textexpender, mediapro. [...]

Tu commences la création d'une grille évolutive

Tu travailles en même temps sur un diaporama

Tu réponds à un mail

Tu remplis un tableau

Tu modifies un graphique

Tu lances un diagnostic

Et tu te sens tendre vers l'excellence. (BADEA, 2012, p.29-30)<sup>6</sup>

Badea parece procurar evidenciar os comportamentos do sujeito contemporâneo em busca da alta performance. Como mencionado anteriormente, a autora emprega um mecanismo que busca aproximar o leitor / espectador da narrativa por meio do uso dessa voz em *off* que endereça suas frases a uma segunda pessoa do singular, ao mesmo tempo que o distancia ao recorrer a frases curtas para expressar ações capturadas por gestos mecânicos. Esse dispositivo parece provocar uma reflexão crítica sobre a sociedade contemporânea dramatizada como uma espécie de caos normatizado por um regramento frio, que constantemente prioriza o lucro e o desempenho, tornando-nos pulverizados, conforme expressa a passagem abaixo:

Tu t'allonges sur le sable regard vers la mer

Et tu te demandes comment arrêter tout ça

Arrêter la course

Arrêter le temps

Arrêter l'argent

Arrêter l'angoisse

Arrêter tout ce qui a rendu l'être humain amer. (BADEA, 2012, p.57)<sup>7</sup>

Novamente, Han (2015) parece nos ajudar a pensar sobre essa crítica enunciada por Badea e sua voz em *off*. Passagens como a acima parecem se relacionar diretamente com as

---

<sup>6</sup> E o dia começa / Você abre uma sessão de powerpoint / Você abre uma sessão de Excel / Você abre uma sessão Dreamweaver, team system, quark express, visio, outlook, access, silverlight, illustrator, flash, lotus, rational rose, adobe, launchpad, eclipse, messenger, dragon dictate, merlin, textexpender, mediapro [...] Você começa a criar uma tabela / Você trabalha em uma apresentação de slides ao mesmo tempo / Você responde a um e-mail / Você está preenchendo um quadro / Você está editando um gráfico / Você lança um diagnóstico / E você se sente indo em direção à excelência.

<sup>7</sup> Você se deita na areia olhando para o mar / E se pergunta como parar tudo / Parar a corrida / Parar o tempo / Parar o dinheiro / Parar a ansiedade / Parar tudo que tem tornado o ser humano amargo.

concepções do filósofo sobre a organização mundial capitalista de “a era da positividade”: “Esses estados psíquicos [de esgotamento] são característicos de um mundo que se tornou pobre em negatividade e que é dominado por um excesso de positividade” (HAN, 2015, p.24-25 e 70)

Segundo Han, essa organização mundial gera fetiches nos indivíduos e estimula uma espécie de utopia libertária ligada à ideia de que pela determinação tudo pode ser conquistado, bastando ser produtivo e qualificando cada vez mais sua performance. Tal atitude é que fomentaria essa ideia de uma sociedade atomizada composta de sujeitos independentes. A consequência dessa sociedade de desempenho e hiperconectada é, como vimos, a produção de indivíduos depressivos e fracassados. Em *Pulvérisés*, o trabalho é o principal fator que ressalta essa relação paradoxal entre a hiperconectividade e o isolamento, no qual o sujeito que experiencia esse estilo de vida acaba se sentindo esgotado:

Tu ouvres les yeux et tu les refermes  
Agression de l'environnement  
L'odeur du lit ne t'appartient pas  
Rien ne t'appartient ici  
Même pas les allumettes, les bouteilles de whisky en plastique, les cotons-tiges,  
les pantoufles jetables ou la cire à chaussure  
Tu es pulvérisé dans l'espace  
Tu es hors du temps, paumé entre des latitudes et des longitudes qui s'embrouillent dans ta tête. (BADEA, 2012, p.11)<sup>8</sup>

Paradoxalmente, o isolamento também ocorre através da maximização do desempenho, uma vez que o sujeito entra em um estado de não pertencimento e de esgotamento que ocasiona um processo de desintegração em partículas, ou, literalmente, uma pulverização, conforme expressa Badea (2012):

Tu bois ton troisième whisky dans la salle d'embarquement affaire premium et cette fois-ci l'alcool ne fait pas son boulot car tu continues à nager dans un état mélangé mitigé entre un début de dépression et une révolte étouffée par tes deux crédits revolving. Ça doit être le jet lag tu te dis pour tenir sous contrôle ton angoisse. Tu regardes le moniteur qui affiche les départs

---

<sup>8</sup> Você abre os olhos e os fecha novamente / Agressão do meio ambiente / O cheiro da cama não te pertence / Nada te pertence aqui / Nem mesmo fósforos, garrafas plásticas de uísque, cotonetes, chinelos descartáveis ou graxa de sapato / Você está pulverizado no espaço / Você está sem tempo, perdido entre latitudes e longitudes que se confundem em sua cabeça.

imminents et tu rêves d'un embarquement à l'autre bout de ta destination finale. Tu rêves et tu avales. Le whisky glisse sur ta gorge avec tout le mix de frustrations et de responsabilités, de peurs et d'échecs. (BADEA, 2012, p.61)<sup>9</sup>

Como fica patente pela própria organização das cenas em diferentes espaços do planeta, na peça, essa pulverização do indivíduo é uma consequência intrínseca da globalização, cuja violência, como mostra Han (2015) acarreta o cansaço e suas "doenças neuronais" oriundas do excesso de positividade mencionada anteriormente. Conforme o filósofo aponta para os males que afligem a sociedade do século XXI, revelando como a incessante busca por produtividade, o culto à positividade e a pressão por resultados têm contribuído para um estado de exaustão física e mental generalizada:

Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. Não são infecções, mas enfartos, provocados não pela negatividade de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de positividade. (HAN, 2015, p.7-8).

Nessa perspectiva, a globalização, ao conectar o mundo de forma intensa e instantânea, parece trazer consigo benefícios significativos, mas também desafios e consequências indesejáveis. A facilidade de comunicação, a interconexão de culturas e a expansão dos mercados resultaram em uma maior interdependência e interligação global. No entanto, essa conectividade exacerbada também gerou uma sobrecarga de informações e um ritmo acelerado de vida, no qual as demandas e expectativas do indivíduo contemporâneo o tornaram um sujeito doente, conforme expressa Badea (2012, p.85): “Tu prends la voiture et tu t'arrêtes à l'aéroport / Tes doigts tremblent / Mal à la tête, sensation de vertige, vide dans le ventre”<sup>10</sup>. Ocasionalmente por esses processos, essas doenças não são meramente físicas, mas sim um reflexo do desgaste emocional e mental gerado pela incessante demanda por estar sempre ativo, produtivo e satisfeito. Han chama atenção para o fato de que as "doenças neuronais" (HAN 2015) podem se manifestar em diferentes formas, como estresse crônico, ansiedade, depressão, esgotamento

---

<sup>9</sup> Você bebe o seu terceiro uísque na sala de embarque de negócios premium e desta vez o álcool não está fazendo o seu trabalho pois você continua nadando em um estado misturado entre um começo de depressão e uma revolta abafada por seus dois créditos rotativos. Deve ser o jet lag que você diz a si mesmo para manter sua ansiedade sob controle. Você olha para o monitor que mostra as partidas iminentes e sonha em embarcar na outra ponta do seu destino final. Você sonha e engole. O uísque escorre pela sua garganta com toda a mistura de frustrações e responsabilidades, medos e fracassos.

<sup>10</sup> Pegue o carro e pare no aeroporto / Seus dedos estão tremendo / Dor de cabeça, sensação de tontura, vazio no estômago.

e até mesmo síndromes relacionadas ao uso excessivo de tecnologias, como evidenciado na passagem abaixo de *Pulvérisés*:

Tu ouvres le robinet et tu plonges ta tête sous l'eau  
Une minute tu restes comme ça  
Tête sous l'eau  
Ton cerveau respire enfin après une nuit peuplée de cauchemars à base de sonneries de téléphone et d'écrans clignotants  
Tu restes sous l'eau et tu resterais encore des heures  
Mais le temps file et tu es obligé de le rattraper. (BADEA, 2012, p.15)<sup>11</sup>

Essa narrativa poética encena o dilema enfrentado pelo sujeito em uma era marcada pela constante hiperconectividade digital. Ao abrir a torneira e mergulhar a cabeça debaixo d'água, a metáfora da imersão simboliza uma tentativa desesperada de escapar do constante bombardeio de informações e estímulos tecnológicos. A constante busca por um estado de euforia e satisfação pessoal cobra seu preço, levando a uma sensação de vazio e despersonalização, onde o indivíduo se perde em meio ao turbilhão de impulsos e pressões.

---

<sup>11</sup> Você abre a torneira e mergulha sua cabeça debaixo d'água / Um minuto você fica assim / Cabeça debaixo d'água / Seu cérebro finalmente respira depois de uma noite povoada por pesadelos baseados em telefones tocando e telas piscando / Você fica debaixo d'água e ficaria horas parado / Mas o tempo voa e você tem que recuperar o atraso.

## Capítulo 2 - A alteridade marcada pelo apagamento do outro em um contexto de imigração no século XXI

Badea demonstra um interesse particular pela questão do estrangeiro e da migração. Conforme expresso em uma entrevista para o blog *Les Imposteurs*, a autora procura abordar temáticas que refletem sua própria experiência cultural e identitária. É nesse contexto que ela enfatiza a relevância do teatro como um veículo eficaz para fomentar o pensamento crítico e a reflexão em relação ao mundo no qual vive:

C'est juste que je suis intéressée par les mouvements du monde dans lequel je vis, et par la langue d'aujourd'hui. Je résonne profondément à ça et quand on trouve quelque chose qui résonne en nous on doit aller jusqu'au fond de ces résonances. Je ne peux pas parler au public de quelque chose d'autre. Je suis à l'endroit de ma sensibilité. (BADEA, 2019)<sup>12</sup>

Na peça *Pulvérisés*, Badea explora os encontros e confrontos entre distintas culturas, delineando a representação de personagens fragmentados e dispersos em âmbito global, frequentemente deslocados ou desenraizados de suas identidades culturais em decorrência dos processos de globalização. O uso de uma narrativa multifacetada pelo constante deslocamento entre diferentes núcleos dramáticos ligados a partes do mundo distintas, mas conectadas pela imposição da performatividade, permite a caracterização de personagens que quanto mais caminham em direção a um destino comum, mas parecem se isolar uns em relação aos outros. Através desse dispositivo, a autora conduz os leitores/espectadores a uma exploração minuciosa das relações interpessoais no capitalismo global, incentivando uma reflexão crítica sobre a dimensão problemática do outro no mundo atual, conforme expresso no seguinte trecho da peça:

- Qu'est-ce qu'on fabrique ici?
- Des boîtes
- Et qu'est-ce qu'on met dans ces boîtes?
- Rien. Elles partent vides.
- Où?
- Loin.
- En Amérique?
- Non. En France. C'est écrit: "Conçu en France, Fabriqué en Chine"

---

<sup>12</sup> “É que estou interessada nos movimentos do mundo em que vivo e na língua de hoje. Eu ecoo profundamente nisso e quando encontramos algo que ressoa em nós temos que ir até o fundo dessas ressonâncias. Não posso falar com o público sobre outra coisa. Estou no lugar da minha sensibilidade”.

- Et là qu'est-ce qu'ils font avec ces boîtes?
- Ils regardent la télé.
- Tu penses qu'ils nous voient sur leurs écrans?
- Je ne pense pas.
- Ça serait beau s'ils voyaient ce que les caméras filment quand on travaille... Tu ne penses pas?
- Je ne pense pas. Ça n'intéressera personne. (BADEA, 2012, p.72-73)<sup>13</sup>

Badea (2012) aborda a questão sobre a alteridade, ou seja, o contato e reconhecimento do outro e suas singularidades em meio aos seus atravessamentos culturais. A alteridade, numa perspectiva antropológica, discorre sobre o não julgamento de valor de uma cultura a partir de um ponto de vista exterior, demandando a compreensão da diferença para o entendimento do outro e de nós mesmos de forma mais ampla, conforme expressa o antropólogo François Laplantine (1989):

De fato, presos a uma única cultura, somos não apenas cegos à dos outros, mas míopes quando se trata da nossa. A experiência da Alteridade (e elaboração dessa experiência) leva-nos a ver aquilo que nem teríamos começado a imaginar, dada nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que é habitual, familiar, cotidiano e que consideramos “evidente”. (...) O conhecimento (antropológico) da nossa cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única. (LAPLANTINE, 2003, p.12)

No entanto, no modo como a alteridade tem sido abordada nesse cenário globalizado - caso de *Pulvérisés* -, vemos as crescentes disputas entre as nações por dominação política, econômica e linguística que afetam os indivíduos em seus anseios por desempenho. Desse modo, a presença do outro nessa organização mundial, ao ser inserida nesse contexto de imigração no século XXI, revela uma alteridade marcada por um desdobramento da pulverização, corolário de uma competição violenta na criação de espaços de dominação. Um dos momentos em que Badea (2012) expõe esse apagamento do outro se dá através de funcionários de um *call center* senegalês que são obrigados a abandonar suas identidades para se encaixarem nas normas e regras da empresa e assumirem nomes que soam franceses;

---

<sup>13</sup> - O que estamos fazendo aqui? / - Caixas / - E o que colocamos nessas caixas? / - Nada. Elas saem vazias. / - Para onde? / - Longe. / - Na América? / - Não. Na França. Está escrito: “Projetado na França, Fabricado na China” / - E o que eles fazem com essas caixas? / - Eles assistem televisão. / - Você acha que eles nos veem em suas telas? / - Não creio. / - Seria bom se eles vissem o que as câmeras filmam quando trabalhamos... Você não acha? / - Não creio. Isso não interessa a ninguém.

Alors on doit être à la hauteur de leurs attentes et on sait tous quelles sont les attentes des Français. [...] Ici il est interdit de parler en langue. Ici on pense français, on mange français, on a des noms français. Ici on travaille pour la France. (BADEA, 2012, p.47)<sup>14</sup>

A sociedade da performance promove esse desligamento do outro com a sua cultura para transformá-lo num sujeito de desempenho que corresponda à realidade e aos preceitos do ambiente de trabalho e do Estado no qual se está inserido ou ao qual se serve. No limite, como mostra a peça, o objetivo da sociedade capitalista seria tornar o outro não mais do que um dispositivo de produtividade, negligenciando suas singularidades.

Essa temática da alteridade e do pertencimento é recorrente também em outras obras da Badea, como em sua peça *Contrôle d'identité*. Nesta, a autora apresenta personagens profundamente complexos, cujos questionamentos internos sobre suas identidades são o cerne da trama. Esses personagens representam muitos imigrantes que enfrentam conflitos internos relacionados ao sentimento de pertencimento e ao confronto com sua própria cultura de origem. Em um determinado fragmento da peça, somos apresentados à luta de um destes personagens para conciliar sua herança cultural com a pressão de se encaixar em um contexto social e cultural diferente. Ele é compelido a se adaptar ao padrão dominante da sociedade receptora, o que leva à supressão e ao apagamento de sua própria cultura materna, de acordo com o trecho que segue:

- T'as un problème ou quoi?
- Parle-moi dans ma langue connard.
- J'ai demandé: t'as un problème ou quoi?
- Dans ma langue.
- On est en France là. Je te parle en français.
- Non tu me parles dans ma langue. Tout à l'heure tu parlais dans quelle langue?
- Dans ma langue.
- Dans ta langue... Ta langue n'existe pas. Ma langue est ta langue chez nous. Parle-moi une langue civilisée.
- Putain de merde.
- Enculé de ta race.

---

<sup>14</sup> Temos que corresponder às suas expectativas e todos sabemos quais são as expectativas dos franceses. [...] Aqui é proibido falar na nossa língua. Aqui pensamos em francês, comemos em francês, temos nomes franceses. Aqui trabalhamos para a França.

- Bouffe ta merde.
- J'encule ta race.
- Ta gueule.
- J'encule ton peuple.
- Ta gueule ou je te crève le crâne. (BADEA, 2009, P.13)<sup>15</sup>

O personagem acima é afligido por uma repulsa de sua própria cultura materna, pois acredita que é a única forma de encontrar um senso de pertencimento no novo ambiente em que se encontra. Essa luta interna revela a complexidade da experiência migratória, destacando os desafios enfrentados pelos imigrantes em sua jornada de integração. O conflito entre a preservação de sua identidade cultural e a busca por aceitação na sociedade de acolhimento é um tema recorrente que ressoa o destino de muitos imigrantes em todo o mundo. De acordo com Bauman (2017), os desafios enfrentados pelos imigrantes surgem pela falta de reconhecimento do outro, transformando-os em estranhos na sociedade.

Refugiados da bestialidade das guerras, dos despotismos e da brutalidade de uma existência vazia e sem perspectivas têm batido à porta de outras pessoas desde o início dos tempos modernos. Para quem está por trás dessas portas, eles sempre foram – como o são agora – estranhos. Estranhos tendem a causar ansiedade por serem “diferentes” – e, assim, assustadoramente imprevisíveis, ao contrário das pessoas com as quais interagimos todos os dias e das quais acreditamos saber o que esperar. (BAUMAN, 2017, p.7)

Badea (2012) explora essa questão em sua peça *Pulvérisés*, revelando e confrontando diferentes personagens em distintas posições na esfera da sociedade contemporânea, destacando a complexidade das relações interpessoais e o jogo de identidades que daí decorre. É o que se observa através, por exemplo, da funcionária de fábrica de Xangai, que encena com suas colegas de quarto uma fuga da dura realidade que vivem na fábrica, interpretando e idealizando sonhos para minimizar os sentimentos de despertencimento, solidão e abandono provocados pelas engrenagens do sistema global.

Dans le dortoir les filles font la fête, déguisées en femmes

---

<sup>15</sup> Qual é o seu problema? / Fala na minha língua, idiota. O que está acontecendo com você? / Na minha língua materna. / Estamos na França. Falo em francês. / Não, você fala na minha língua. Ainda há pouco você falava em que língua? / Na minha língua materna. / Na sua língua... a tua língua não existe. A minha língua é a sua língua na minha terra. Fala numa língua civilizada. / Seu merda. / Seu enrabado. / Vai comer cocô. / Enrabo a tua raça toda. / Cala a boca. / Enrabo todo o seu povo. / Cala a boca ou eu racho o teu crânio.

Rouge à lèvres, hauts talons, corsets en paillettes  
 Elles se la jouent star de cinéma en improvisant un karaoké sur une radio  
 pourrie  
 Lo Shen s'est fait une robe avec le rideau à fleurs qui sert à séparer son lit  
 Ting Ting s'est dessiné un tatouage dragon qui crache du feu sur son sein droit  
 Li Na danse comme Madonna devant un bout de miroir cassé  
 Ma Ku et Lim se roulent une pelle comme à la télé / Tu les regardes et tu ris  
 Et pendant un moment tu oublies tout  
 Car il s'agit de ça: savoir oublier  
 Avoir la force de le faire  
 Passer à autre chose comme si rien de tout ça n'existait  
 Comme si tout n'était qu'une grosse blague. (BADEA, 2012, p.72)<sup>16</sup>

Em outra passagem, Badea evidencia como os funcionários senegaleses são confrontados com a realidade de serem reconhecidos como estranhos em uma sociedade marcada pela performance e pelo desenraizamento. No seguinte trecho da peça, o personagem supervisor líder de equipe de Dakar, ao se deparar com o outro, provido de uma diferença cultural, impõe um processo de apagamento de sua identidade e cultura, e se sente compelido a moldá-lo à imagem e semelhança da cultura francesa para encaixar o indivíduo nas premissas da empresa e da sociedade, a que estão inseridos:

- Comment tu t'appelles?  
 - Adiouma Diandy  
 - Et ici comment tu vas t'appeler?  
 - Adiouma Diandy  
 Non ici tu vas pas t'appeler Adiouma Diandy  
 Si. Adiouma Diandy  
 - Marie-France Martin  
 Adiouma Diandy. Quoi il y a pas des Adiouma Diandy en France?

---

<sup>16</sup> No dormitório as garotas estão festejando, disfarçadas de mulheres / Batom, salto alto, espartilhos de lantejoulas / Elas interpretam estrelas de cinema improvisando um karaokê em um rádio de merda / Lo Shen fez um vestido com a cortina floral usada para separar sua cama / Ting Ting desenhou uma tatuagem de dragão que cospe fogo no seio direito / Li Na dança como Madonna na frente de um pedaço de espelho quebrado / Ma Ku e Lim se beijam de língua como na TV / você olha pra elas e ri / E por um momento você esquece de tudo / Porque é disso que se trata: saber esquecer / Ter a força para fazer isso / Seguir em frente como se nada disso existisse / Como se tudo fosse só uma grande piada.

- Il y a pas des Adiouma Diandy ici. (BADEA, 2012, p.48-49)<sup>17</sup>

Essa barreira que impede o indivíduo de perceber e reconhecer a alteridade do outro é apontada pelo filósofo Han (2017) em sua obra *Agonia do Eros*, onde ele reflete sobre o que chama de o sujeito “narcisista”. Segundo Freud (1974), o termo narcisismo é entendido no discurso psicanalítico como a prática do amor próprio e da autoestima, proporcionando a manutenção da autopreservação do sujeito. Freud (1974, p.85-119) explica que “o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo”. Ao pensar no indivíduo da sociedade da performance que só consegue reconhecer a si mesmo e que, ao estabelecer contato, não consegue contemplar a alteridade do outro porque está absorvido exclusivamente pelas suas próprias expectativas e perspectivas, Han afirma que:

O sujeito narcísico, ao contrário, não consegue estabelecer claramente seus limites. Assim, desaparecem os limites entre ele e o outro. O mundo se lhe afigura como sombreamentos projetados de si mesmo. Ele não consegue perceber o outro em sua alteridade e reconhecer essa alteridade. Ele só encontra significação ali onde consegue reconhecer de algum modo a si mesmo. Vagueia aleatoriamente nas sombras de si mesmo até que se afoga em si mesmo. (HAN, 2017, p.10)

Na peça, essa incapacidade de reconhecer a alteridade prejudica as interações interpessoais, tornando o sujeito um estranho na sociedade. Badea (2012), ao trazer essas narrativas do cotidiano onde esses conflitos sobre a relação aparecem, utiliza o dispositivo dramático para enfatizar a manutenção da ausência de alteridade na sociedade da performance, na qual a migração desempenha um papel central. Conforme explicitado por Bauman (2017), o fenômeno da migração tem se intensificado globalmente devido à natureza da sociedade contemporânea:

A migração em massa não é de forma alguma um fenômeno recente. Ele tem acompanhado a era moderna desde seus primórdios (embora com frequência mudando e por vezes revertendo a direção) –, já que nosso “modo de vida moderno” inclui a produção de “pessoas redundantes” (localmente “inúteis”, excessivas ou não empregáveis, em razão do progresso econômico; ou localmente intoleráveis, rejeitadas por agitações, conflitos e dissensões

---

<sup>17</sup> Qual é o seu nome? / Adiouma Diandy / E como você vai se chamar aqui? / Adiouma Diandy / Não, aqui você não vai se chamar Adiouma Diandy / Sim. Adiouma Diandy / Marie-France Martin / Adiouma Diandy. O quê, não tem Adiouma Diandy na França? / — Não tem Adiouma Diandy aqui.

causados por transformações sociais/políticas e subsequentes lutas por poder. (BAUMAN, 2017, p.3)

De acordo com o sociólogo (2017), a intensificação do fenômeno migratório é inerente à dinâmica da sociedade contemporânea, onde a busca por desempenho molda as interações sociais e econômicas. Bauman (2017, p.3) afirma que devido a essa organização mundial em que vivemos “é improvável que a migração em massa venha a se interromper”, pois o sujeito é invadido constantemente pelo sentimento de autorrealização, performance e pertencimento, conforme diz no trecho:

O fluxo constante dos chamados “migrantes econômicos”, estimulados pelo desejo demasiadamente humano de sair do solo estéril para um lugar onde a grama é verde: de terras empobrecidas, sem perspectiva alguma, para lugares de sonho, ricos em oportunidades. Sobre essa corrente contínua de pessoas que buscam a chance de um padrão de vida decente (uma corrente que flui incessantemente desde o início da humanidade, apenas acelerada pela moderna indústria de pessoas redundantes e vidas desperdiçadas). (BAUMAN, 2017, p.4)

Conseqüentemente, essa incessante busca pela alta performance, que enxerga o imigrante apenas como mão de obra e fonte de lucro, levará ao apagamento de sua individualidade. Essa visão o reduz a um simples recurso econômico, forçando uma conformidade que elimina qualquer traço de sua singularidade e diferença. Conforme Badea (2012) apresenta na peça, os funcionários da empresa de *call center* são moldados pelo ideal do que a empresa demanda para alcançar o ápice de produtividades, nivelando as individualidades para que os funcionários possam corresponder às expectativas corporativas e sociais:

Employez des mots qui ont un fort impact, des mots suggestifs, des mots qui font acheter. Je veux un ton énergique, dynamique, enthousiaste, sans être agressif. Il faut savoir marquer des temps d'arrêt, faire varier son intonation, appuyer certains mots en augmentant le volume de sa voix. Accompagnez votre argumentation avec des gestes appropriés: posture confortable mais pas immobile, regards plus ou moins appuyés, gestes qui accompagnent la signification des mots. Et surtout on ne l'oublie pas: on est tous des Marie-France Martin et des Jean-Pierre Dumont. (BADEA, 2012, p.59)<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> Usem palavras que tenham forte impacto, palavras sugestivas, palavras que façam comprar. Quero um tom energético, dinâmico, entusiástico, sem ser agressivo. É preciso saber pausar, variar a entonação, enfatizar certas palavras aumentando o volume da voz. Acompanhem seus argumentos com gestos adequados: postura confortável, mas não imóvel, olhares mais ou menos focados, gestos que acompanham o significado das palavras. E acima de tudo não esqueçamos: somos todos Marie-France Martin e Jean-Pierre Dumont.

Como podemos perceber nesta passagem, a prevalência do igual se intensifica cada vez mais, promovendo a padronização e o consumo do eu. Badea parece encenar nessas passagens os argumentos de Han, segundo o qual (2017) essa organização do igual está alienando os sujeitos e dificultando o contato com o outro, pois a falta de reconhecimento da diferença resulta em estranhamento, transformando o diferente em uma exterioridade absoluta. De acordo com Han,

No inferno do igual, que vai igualando cada vez mais a sociedade atual, já não mais nos encontramos, portanto, com a experiência erótica. Essa experiência pressupõe a assimetria e exterioridade do outro. (HAN, 2017, p.8)

Em *Pulvérisés*, os funcionários senegaleses que não se encaixam nos estereótipos estabelecidos de "Marie-France Martin" e "Jean-Pierre Dumont" (Badea, 2012, p.59) enfrentam o fenômeno do estranhamento na sociedade. Eles são submetidos às consequências do que Han (2017) descreve como o "inferno do igual". Este conceito aborda a pressão para se conformar a um padrão de cultura dominante, onde a individualidade é suprimida em prol de uma aparente coesão social. Os senegaleses, ao serem inseridos nesse ambiente, são alvo de uma intromissão significativa da cultura francesa em suas vidas e relações sociais. Essa imposição cultural manifesta-se de diversas maneiras, desde a expectativa de adoção de costumes e valores franceses até a marginalização de práticas culturais próprias. A necessidade de se adequar ao modelo de "Marie-France Martin" e "Jean-Pierre Dumont" evidencia a falta de reconhecimento e valorização da alteridade, ou seja, das diferenças culturais e identitárias que os senegaleses carregam consigo.

A capacidade de reconhecer o outro e suas particularidades é essencial para a manutenção digna da sociedade. Sem isso, como vemos na peça, a vida humana é alçada a uma dimensão meramente mecânica como observamos no fragmento abaixo:

Et pendant que tu parles tu vois les corps robotiques. Tu vois les regards vides, tu vois les grilles posées devant les fenêtres des dortoirs, tu vois la crasse dissimulée sous des panneaux publicitaires, tu vois les caméras de surveillance, tu vois les chiens des gardiens... Tu vois tout ce que tu as vu sans vouloir le voir, tu vois tout ce que tu as fait semblant de ne pas voir, tu vois tout ce qu'on t'a interdit de voir, tu vois tout ce que tu diras n'avoir pas vu. (BADEA, 2012, p.53)<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> E enquanto você fala, você vê os corpos robóticos. Vê os olhares vazios, vê as grades nas janelas dos dormitórios, vê a imundície escondida debaixo dos outdoors, vê as câmeras de vigilância, vê os cães de guarda... Vê tudo o que

*Em Pulvérisés*, as relações sociais e o sentimento para com o outro tornam-se cada vez mais dizimadas em uma sociedade que promove a alta performance e a busca incessante pela autorrealização. A peça busca, assim, encenar o que seriam as consequências desse estilo de vida contemporâneo, no qual assiste-se a deterioração da vida emocional, a alienação e a desumanização do outro, transformando os sujeitos em estranhos entre si. Os imigrantes, em *Pulvérisés*, representariam o paroxismo desse estranhamento ao se encontrarem em uma posição de constante despertencimento e apagamento de sua existência na sociedade da performance. Esta, como mostra a peça, permanece confortavelmente cega para as complexidades de suas vidas e identidades.

## Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo investigar os modos como a peça *Pulvérisés*, de Alexandra Badea, dramatiza a pulverização dos sujeitos na sociedade contemporânea. O estudo possibilitou uma reflexão sobre os impactos da sociedade da performance no cotidiano das personagens, em suas vidas emocionais e nas relações interpessoais. A partir da análise crítica da obra, observa-se como os personagens e suas experiências são encenados na peça, especialmente em relação à temática da globalização e seus efeitos sobre os indivíduos. Ao longo do trabalho, procuramos dialogar com contribuições de filósofos como Byung-Chul Han e Alain Ehrenberg, que discutem conceitos como hiperconectividade, isolamento, e a performance no contexto capitalista globalizado. Também foram importantes as contribuições de Zygmunt Bauman e do próprio Han para as discussões sobre a questão da alteridade e da imigração contemporânea.

Para se atingir uma compreensão dos processos de pulverização na peça decorrente da globalização, definiu-se dois tópicos específicos desenvolvidos ao longo do estudo. A primeira parte do trabalho realizou uma análise do paradoxo entre a hiperconectividade e o isolamento no contexto da globalização, utilizando as contribuições filosóficas de Han e Ehrenberg. O estudo revela que a sociedade da performance, tal como apresentada por Badea, impacta significativamente a vida das personagens da peça *Pulvérisés*, resultando na fragmentação de suas identidades e na desintegração de suas vidas emocionais. As teorias de Han sobre a sociedade do cansaço e de Ehrenberg sobre o culto da performance permitiram observar como a constante conectividade pode levar a um isolamento profundo e à fragmentação do eu.

Em seguida, a segunda parte do trabalho propôs uma reflexão crítica acerca da questão da alteridade, especialmente o apagamento do outro em um contexto de imigração no século XXI. Utilizando as teorias de Han e Bauman, esse tópico objetivou pensar como a globalização e a mobilidade migratória afetam a percepção e o tratamento do outro em *Pulvérisés*. A análise da obra revelou uma tendência ao apagamento das diferenças e ao desenraizamento, destacando como a organização mundial contribui para a homogeneização cultural e a negação da alteridade, impactando as relações entre o eu e o outro no mundo globalizado.

Por tudo que foi dito, pode-se dizer que esse trabalho possibilitou uma análise contextualizada da obra, buscando explorar tanto os aspectos literários quanto os sociais e

filosóficos nela envolvidos. O conjunto de reflexões aqui apresentado oferece, assim, uma reflexão crítica sobre a peça *Pulvérisés* que visa incentivar um debate mais profundo sobre as implicações das dinâmicas assinaladas na vida contemporânea. Importante dizer ainda que o estudo procurou destacar a relevância do texto dramático como veículo para estimular uma reflexão crítica sobre a posição e o papel do ser humano na sociedade contemporânea, incitando o público a questionar e refletir sobre questões importantes e relevantes que permeiam a experiência humana no contexto atual.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Allyson Pereira de. A “**sociedade do desempenho**” na perspectiva de **Byung-Chul Han**: sobre a possibilidade de uma aproximação com Immanuel Kant a partir das noções de “autonomia” e “liberdade”. *Intuitio*, Porto Alegre, ano 2, v. 14, 21 jan. 2022. Artigo, p. 1-15.

BADEA, Alexandra. **Contrôle d'identité / Mode d'emploi / Burnout**. Paris: L'Arche, 2009. 140 p.

BADEA, Alexandra. ENTREVISTA COM ALEXANDRA BADEA (PRIMEIRA PARTE).

**Les imposteurs**, [S. l.], 29 abr. 2019. Disponível em:

<https://chroniquesdesimposteurs.wordpress.com/2019/04/29/entretien-avec-alexandra-badea-premiere-partie/#content>. Acesso em: 10 jan. 2024.

BADEA, Alexandra. **Pulvérisés**. Paris: L'Arche, 2012. 89 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranho à nossa porta**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. 120 p.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance**: Da aventura empreendedora à depressão nervosa. Tradução de Pedro F. Bendassoli. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2010. 185 p.

EVARD, Franck. **La littérature française au présent**. In: VERCIER, Bruno; VIART, Dominique. *Les écritures dramatiques*. 2. ed. Paris: Bordas, 2008. p. 489-490

FREUD, Sigmund. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. In: \_\_\_\_\_. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIV, p. 85-119.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 96 p.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 136 p.

LAPLANTINE, François. **Introdução: O Campo e a Abordagem Antropológicas**. Aprender Antropologia. Tradução de Marie-Agnes Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2003. p. 7-21

ROCHA, Thiago Alencar da. **O culto da performance: o novo modelo de trabalho do século XXI**. Rev. Sem Aspas, Araraquara, v. 7, n. 1, p. 156-167, jan./jun. 2018.